

03 – CEBS NO CONTEXTO URBANO

J. B. Libanio

Junho – 2011

A cidade desafia o compromisso político das CEBS

A cidade desafia as CEBS. Primeiro, como lugar do encontro social das pessoas nas suas relações sociopolíticas e socioeconômicas justas e injustas. As injustiças sociais no campo aparecem, sob certo sentido, de maneira bem escandalosa. A cidade tende a escondê-las. Ao assumir as grandes transformações culturais, as pessoas, mesmo pobres, sentem que participam de seus benefícios: eletricidade, aparelhos domésticos, produtos industrializados a preço acessível. Tal fato anestesia a consciência crítica. Dificulta as lutas. Ao vir para cidade, pensa-se que já se goza automaticamente de seus benefícios. E por isso, perde-se certa garra de luta.

Com efeito, gente que nas CEBS do interior reivindicava pelos próprios direitos, ao cair na grande cidade, diminui o fôlego. A cultura pós-moderna, com a inundação gigantesca de programas de TV e com outros recursos da informática, avassala a mente com propaganda. Tal universo de informação e de entretenimento termina por cansar as pessoas a ponto de elas não encontrarem energia para outras atividades. Passa-se facilmente de consciência combativa para acomodada.

Os líderes estudantis e operários, que, em décadas anteriores, conseguiam mobilizar os afiliados para comícios, assembléias e greves, lutam tenazmente para chegar até a eles por causa dos entraves que as cidades cada vez maiores põem e por influência da cultura pós-modernidade presentista e paralisadora.

As CEBS, que no passado desempenharam papel relevante na vida política do país a ponto de terem estado na origem de mobilizações e movimentos sociais populares, e também do Partido dos Trabalhadores, sofrem, nas cidades, da inércia crescente em face da política. Há enorme descrédito de tal atividade humana em consequência de vergonhosos escândalos por parte dos atuais políticos. Não há dia em que as manchetes não estampem casos de corrupção na administração do bem público.

O arrefecimento da prática religiosa na cidade

A cidade em relação à prática religiosa está a provocar-lhe o arrefecimento. Dificulta o exercício dos atos religiosos que na vida rural se seguiam cuidadosamente. O problema da prática religiosa anuncia-se como um dos grandes desafios para os próximos anos. Já não se veem, com a clareza da vida rural, os antigos símbolos católicos, invadidos por outras religiões, especialmente pelas igrejas neopentecostais. As distâncias aumentam. A vida urbana acelera o ritmo das pessoas. A queixa geral: não se tem tempo para nada.

De fato, na cidade o problema do tempo se torna cada vez mais grave. Um dos entraves para o crescimento da vida das CEBs vem de as pessoas não conseguirem hora para reunir-se. Gasta-se muito tempo no trânsito. E cada vez mais. Qualquer mobilização, em que pese a maior rapidez dos meios de transporte em relação ao mundo rural, está a custar tempo. E tudo leva a crer, assim como caminha o modelo desenvolvimentista do país, que o problema da mobilidade nas cidades tende a piorar com repercussão grave sobre a frequência aos atos religiosos. Menos tempo para eles. A vida religiosa parece minguar.

A explosão das igrejas evangélicas na cidade

Paradoxalmente, a mesma cidade que impede a prática religiosa, está a provocar explosão de igrejas evangélicas. Nunca se viram tantas, sobretudo na periferia, onde habitam os candidatos melhores para as CEBs, quer porque já as conheceram antes de migrar, quer porque moram e vivem problemas semelhantes com proximidade de moradia. Tais pessoas sofrem verdadeiro ataque das igrejas neopentecostais que crescem a olhos vistos. E muitos circulam de igreja em igreja, perdendo assim compromisso duradouro, necessário para constituir CEBs. As, que se formam nas periferias, precisam de lucidez para trabalhar o surto evangélico que invade a mesma camada social pobre. Lá talvez estejam os mais pobres. Como manter viva uma CEB em face de tal desafio: Diminuição progressiva da visibilidade católica e crescimento assustador dos neopentecostais?

Os pilares das CEBs

Importa muito conjugar a dimensão comunitária, a preocupação social e a religiosidade. Sem esses três traços a CEB perde a característica própria. A cidade inibe, sob certo aspecto, os três elementos. Dificulta as reuniões comunitárias. Reduz o tempo para a convivência e assim impede o pessoal organizar-se comunitariamente. E as CEBs que valorizam tanto o encontrar-se sofrem a angústia do isolamento urbano. Oferece a atração da Tevê com as novelas e outros programas. Sem muita motivação e empenho, dificilmente as pessoas se reúnem para leitura orante da bíblia, para celebrações e reuniões a fim de programar atividade social. E sob esta perspectiva, ela impede o empenho social.

Problema das lideranças

Outra dificuldade para fortificar os três pilares das CEBs vem da falta de liderança. Na vida urbana, a importância da liderança se faz urgente. As CEBs necessitam descobrir e formar os líderes, para que eles congreguem as pessoas em comunidade. A cidade fragmenta a vida humana. Empurra os seus habitantes para individualismo exacerbado e anonimato doloroso. E sem pessoas capazes de congregar não fica fácil alimentar a vida de uma CEB.

Parcerias na luta pela justiça social: voz ética e profética

Paradoxalmente, esse ponto difícil converte-se em promissor para as CEBs, se elas resgatam a dimensão humana e justa da cidade, recorrendo à longa experiência de luta pela justiça do passado. Na sociedade civil e em determinados órgãos do Estado nos três níveis municipal, estadual e federal existem experiências sociais importantes. Há setores conscientes e lúcidos que se organizam. Se no campo as CEBs assumiam, em muitos casos, a iniciativa, toca-lhes na cidade antes o trabalho de parceria. Essa nova circunstância implica mudar a mentalidade. Passa-se de uma Igreja de Cristandade, mesmo tendo mentalidade social como nas CEBs do interior, para uma Igreja parceira do Estado,

de organizações civis, de ONGs e etc. Perde-se o gostinho da liderança e da iniciativa primeira, para somar forças com outros.

Demanda-se das CEBs urbanas agudo sentido de discernimento entre extremos: comprometer-se unicamente quando elas exercem protagonismo ou sucumbir à sedução da acomodação urbana, muito a gosto do sistema neoliberal. Parceria crítica e profética: eis o caminho novo! Nem donas, nem afastadas dos espaços em que jogam as cartadas decisivas da vida do cidadão urbano. Elas têm diante de si enorme responsabilidade social em face do Estado, da sociedade civil e, de modo especial, da mídia. Hoje esta se tornou instituição altamente poderosa na construção da opinião pública. Antes de tudo, cabe às CEBs ser voz ética e profética em defesa dos pobres, marginalizados, injustiçados e excluídos citadinos.

A cidade exclui ou segrega para os rincões inóspitos as massas que as classes privilegiadas usam para manter o próprio bem-estar. Os gigantescos cinturões de miséria, que circundam a cidade moderna, estão a exigir luta decidida e inteligente por parte de todos os setores sensibilizados por tamanha injustiça. Chamem-se luta pela moradia, reivindicações por melhores condições de vida, defesa do menor carente e da mulher marginalizada. Os nomes se multiplicam. Mas a raiz do problema é uma só: a configuração da cidade segundo o figurino maior do sistema neoliberal. Ele, cada vez mais, de um lado, se torna concentrador de riqueza em benefício de minorias reduzidas, e, de outro, excludente das imensas massas populares. O evangelho está a exigir das CEBs presença sempre maior do lado dos excluídos.

Passagem do espaço para o interesse

Outro desafio importante da cidade consiste na mudança da mentalidade em relação ao espaço. No campo, as pessoas medem as atividades pelas distâncias. Em língua popular falava-se de léguas. Além do mais, para as principais atividades existia lugar próprio. Ele congregava as pessoas para tal. Assim para rezar, ia-se à igreja e aos santuários, para morar à casa, para divertir e trabalhar aos respectivos lugares. A referência principal se fixava no espaço, no lugar.

A cidade modifica tal concepção. Ela já não valoriza os lugares como tais. As pessoas se regem antes pelos interesses. E um lugar só se torna importante, se ele atrai e desperta interesses nas pessoas. E quanto mais interesses um lugar criar, mais é frequentado. Assim, p. ex., o shopping virou um dos lugares mais procurados. Circulam por ele milhares de pessoas o dia inteiro. Por quê? Porque lá se compra, se diverte, se encontram as pessoas, se veem lojas bonitas, se sente ambiente agradável. Diferente de simples loja do interior que tinha por única atração o produto que vendia.

Esse exemplo serve para entender também o espaço material da igreja. No interior, ele era procurado para cumprir as práticas religiosas. E nada mais. Se continuar da mesma maneira, na cidade as pessoas só irão lá para isso. E fora de tais atividades, fica deserto. Aliás, infelizmente, o que acontece com a maioria de nossas igrejas. Vejam a diferença respeito a certas igrejas evangélicas em que sempre há gente circulando. Por quê? Porque elas deixaram de ser simples espaço religioso e se tornaram centro de interesses. E a frequência cresce à medida que se amplia a gama de interesses.

Imaginemos uma paróquia que além de oferecer os serviços religiosos tradicionais, cria enorme centro de interesses. Assim, abre espaço para os jovens se encontrarem tanto para reunião religiosa, como também cultural. Organiza cursos de diversos tipos: corte e costura, primeiros socorros, preparação para o vestibular para carentes, e assim por diante. Quantos mais numerosos forem os pólos de interesse, mais será freqüentada. Aqui não há limite para a fantasia criadora da paróquia. Em miniatura, vale o mesmo das CEBs urbanas.

Elas estão plantadas dentro desse mundo. Se elas multiplicarem os pontos de interesse, tanto mais elas crescerão. Neste caso então, nelas se discutem política, droga, violência, trabalho, temas de fé, etc. Cada um desses campos faz girar em torno dele mais pessoas. O segredo das CEBs urbanas do futuro se encontra na capacidade que tiverem de multiplicar espaços que atraiam as pessoas das diferentes idades e desejos. Fica para elas esse gigantesco desafio de tornar-se rico pólo de interesses.

O isolamento das pessoas e o cultivo do espírito comunitário

A cidade aproxima fisicamente as pessoas. Agrupa-as em quantidade gigantesca em rincões cada vez menores. E curiosamente produz o efeito contrário. Em vez de socializá-las, isola-as no anonimato e no individualismo. Impera a regra: “salve-se quem puder”. Trata-se de instinto de defesa. Teme-se que estabelecer relações com as pessoas próximas traga invasões da privacidade. Já a vida nas periferias goza de pouco âmbito para o mundo pessoal. E se se abre o leque de relacionamentos, os indivíduos se perdem numa rede de pedidos, solicitações, etc. A defesa: esconder-se atrás do desconhecimento, da indiferença até mesmo respeito ao vizinho.

Então surge o desafio para as CEBs urbanas. Como conseguir um equilíbrio entre o isolamento e a invasão exagerada da intimidade num ambiente de excessiva proximidade física. O caminho vai na linha do cultivo do espírito comunitário. Este existe quando se unem autonomia e relação, a própria identidade e a diferença dos outros. E as CEBs têm muito a oferecer com a experiência de ser comunidade.

A origem primeira das CEBs aconteceu em torno de círculos bíblicos, celebrações, lutas sociais. As pessoas se reuniam para rezar, debater, celebrar, organizar mutirões. Essas realidades continuam importantes e mais ainda na cidade. A questão gira como pôr esse interesse no centro e encontrar um lugar concreto e hora conveniente.

CEBs evangelizam a religiosidade na cidade

As CEBs conservam a vocação de ser presença no coração da vida da cidade, carregada de problemas sociais. Cresce nas pessoas certo desejo espiritual, provocado pela violência e dureza da vida urbana. As CEBs constituem-se pequeno oásis de espiritualidade. Esse lado da vida humana parece promissor na atual sociedade tão secularizada, materialista e violenta. A explosão do fenômeno religioso reflete a carência de toque espiritual no mundo atual. Mas, ele sozinho não leva a nenhuma verdadeira fé, se não for evangelizado.

Soa estranho falar de evangelização da religiosidade. Mas ela se impõe. As CEBs encontram aí vasto campo de trabalho pastoral. A passagem da religiosidade para a

fê se faz através de três momentos. São Marcos ensina-nos o segredo (Mc 1, 14s). Quando Jesus inicia a pregação, ele afirma quatro coisas: **o tempo chegou à plenitude**. Nós já vivemos esse tempo, porque Jesus já morreu e ressuscitou. Em seguida, afirma que **o Reino de Deus está próximo** tanto no tempo como no espaço. Próximo não quer dizer que ainda não está presente. Mas o contrário. Ele está aí bem junto de nós e de mil maneiras. Pela presença da Igreja, dos sacramentos, do irmão necessitado, da proclamação da palavra, dos toques de graça no fundo do coração de cada um de nós. Todos percebemos tal proximidade. A religiosidade e a piedade significam para muitos tal cercania. O mais importante vem depois de tal experiência. Marcos acrescenta: **convertei-vos** . A religiosidade que não pede conversão, ainda não se deixou evangelizar. As CEBs têm potencial poderoso de ajudar as pessoas envolvidas na onda espiritualista para que descubram a exigência de mudança de vida. Mas em que direção? Marcos acrescenta: **crede na Boa Nova**. Essa consiste na experiência de Deus salvador presente nesse mundo e, de modo especial, nos pobres. Aí o evangelho de Mateus completa quando Jesus no julgamento se identifica com os famintos, sedentos, estrangeiros, nus, enfermos, encarcerados (Mt 25, 31-45). A Boa Nova a que conduz a conversão resume-se, em última análise, no serviço aos pobres, necessitados, marginalizados da sociedade. Então, o último passo da conversão da religiosidade se dá no compromisso, na práxis da caridade. Experiência que as CEBs conhecem de longa data e de que, portanto, têm muita experiência.

A sedução da liberdade e da autonomia

A cidade seduz pela aparência de liberdade e de independência que oferece. Alguém, que vivia no interior, controlado pelos olhares da família e da igreja, ao chegar à cidade, sente enorme alívio. Aqui se leva a vida que e como se quer. Desafio para as CEBs se mostrarem espaço de liberdade, de criatividade, de participação. Só com tais características, elas terão força de apelo. Os fieis as freqüentarão à medida que perceberem a comunidade não lhes pesar como obrigação, imposição, mas como lugar de realização humana e religiosa.

Da obrigação para a realização humana

Cabe modificar a maneira de tratar as obrigações religiosas, deslocando o acento para a alegria e o gosto de estar juntos, de celebrar a vida, de comprometer-se com os problemas importantes sociais e familiares. A vida eclesial das CEBs não aparece então como problema, mas como solução. Essa inversão alivia interiormente as pessoas. Não as buscam porque se sentem coagidas, mas porque percebem que lá existe espaço de realização humana e religiosa.

Da sedução das ofertas para a solidariedade

A cidade desafia as CEBs urbanas, enquanto espaço das ofertas múltiplas nos diversos setores: consumo, trabalho, cultura, ascensão social, progresso pessoal. Mesmo que para muitos, vindos do campo, ela se transformou em terrível pesadelo, no entanto, não pensam voltar para a roça. Preferem continuar lá. Fica-lhes a ilusão de que o fracasso presente não vem da cidade, mas deles. E permanece então a esperança de melhor de vida.

Nessa situação, as CEBs, ao criar vínculo de solidariedade, oferecem lugar para seus membros se ajudarem, tomarem consciência do próprio valor e aproveitarem das ofertas diferenciadas do mundo urbano. Este comporta-se dubiamente. Acena para sonhos, mas nega a muitos a sua realização. A pastoral urbana cresce à medida que entra nessa dinâmica e procura gestar oportunidades de crescimento dos membros. E isso implica quase sempre a melhoria no campo de conhecimento: cursos profissionalizantes para os pais, possibilidade de estudo para os filhos, acesso ao mundo cultural. Quanto mais se avança na sociedade do conhecimento, as profissões exigem sempre mais saber. O uso da informatização se impõe cada vez mais. As CEBs precisam se pensar também nessa perspectiva.

Do lugar do desejo e do prazer para experiências novas

A cidade se torna cada vez mais lugar dos desejos, do prazer, de um lado, e, da violência, do barulho, do cansaço, da confusão física e mental, do outro. As pessoas se sentem dilaceradas. Não lhes faltam ocasiões de muito gozo com enorme gama de entretenimento e com infinitas solicitações aos sentidos. No entanto, essa mesma provocação tem causado exaustão espiritual, perturbação do coração, ruído interior e, sobretudo, violência, em grande parte, como fruto da presença da sedutora droga ou do incentivo a aventuras arriscadas.

A evangelização vai na direção de as CEBs criarem espaços para experiências opostas: silêncio, tranquilização, paz interior e depuração do sentido de prazer. Tarefas que a vida rural não conhecia. E as CEBs urbanas encontram aí amplo campo de expansão criativa.

Conclusão

A cidade está a exigir das CEBs transformações profundas. Vale o princípio básico de toda mudança. Olhar para o passado, recolher os valores fundamentais e conservá-los. Perceber-lhes os limites e abandoná-los. E, sobretudo entregar-se à tarefa criativa. Ficam, portanto, três perguntas para as CEBs urbanas:

1. que elementos das experiências anteriores vividas pelos membros merecem ser conservados na relação com Deus, no interior da comunidade e na prática pastoral?
2. que elementos se consideram definitivamente superados e, portanto, não cabe teimar retê-los nos três níveis da compreensão de CEBs, da experiência comunitária e da prática pastoral?
3. finalmente, que novas perspectivas a cidade abre para as CEBs nos três níveis da compreensão de CEBs, de vivência comunitária e de prática pastoral?

Texto enviado para o Secretariado Nacional do 13º Intereclesial das CEBs – Juazeiro do Norte/Ceará – 07-11 de janeiro de 2014

